



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

25
anos

2017



Arena conta Zumbi e o sistema coringa: uma reflexão sobre o herói brasileiro.

Gabriel Pangonis Fernandes* e Verônica Fabrini

Resumo

Partindo de uma cuidadosa análise da obra *Arena conta Zumbi*, de Augusto Boal, esta pesquisa buscou mapear os procedimentos de encenação/atuação do sistema coringa, também criado por Boal, procurando verificar as formas pelas quais a estrutura mítica do herói é evidenciada e potencializada a ponto de operar uma transformação no imaginário do espectador. Utilizando como referencial teórico pensadores sobre o imaginário, esta investigação busca colocar em diálogo mito e história, apostando no jogo e nas interpelações entre o simbólico e o factual.

Palavras-chave: Herói; Sistema Coringa; Imaginário.

Introdução

Arena conta Zumbi, que estreou em 1965, o ano seguinte ao golpe militar, e o sistema coringa, formulado durante os primeiros anos da ditadura, respondem de forma precisa e rebelde as inquietações de seu contexto histórico. Apesar de se observar nesta fase do Teatro de Arena a confluência de toda sua trajetória artística, a organização particular da obra, renovadora, só se dá diante da urgência de reconhecer e representar uma realidade profundamente transformada. Acreditamos que compreender de que forma o faz, pode fornecer pistas importantes para que os artistas de um novo tempo possam lidar com as inquietações dos dias de hoje, sintomaticamente parecidas com as de 1964.

Resultados e Discussão

A façanha do herói, segundo Joseph Campbell é “A coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas” (Campbell, 1990). Por tanto, o Arena escolhe Zumbi com o objetivo de construir um discurso didático de extrema eficiência, transformando o indivíduo positivo em herói arquetípico.

Ao contar Zumbi, prezando pela função analógica da peça, diversas liberdades poéticas sobre os fatos históricos são tomadas, subordinando-os ao discurso político com o qual os autores se identificavam. Assim, observamos um grande compromisso do Arena com seu público, “a esquerda reduzida ao gueto” (Campos, 1988) pelos eventos de 64.

Segundo Boal, o processo de montagem de *Arena conta Zumbi* foi alicerçado em quatro técnicas, as quais duas se mostraram particularmente caras a esta pesquisa: A desvinculação ator/personagem, que permitia que os atores se alternassem entre as personagens; e a interpretação coletiva, que responsabilizava o grupo de atores como narrador da totalidade do espetáculo.

Detectamos, através de Roberto Gambini, eixos problemáticos que permeiam as imagens nacionais, dos quais destacamos: O jogo entre protagonismo e coro, no qual o povo nunca se vê no primeiro papel; a negação da sombra, a não acolhida no plano racional das imagens não hegemônicas oriundas da amálgama dos povos.



Figura 1.
Arena conta Zumbi.
Acervo Flávio Império ©
Fotografia de Benedito Lima.

Conclusões

Observamos irradiações que vão até o nosso complicado imaginário nacional.

A opção do Arena por Zumbi, a narrativa de um herói negro, imediatamente se relaciona com a reconhecida negação da sombra presente no nosso imaginário. Zumbi é narrado não apenas como figura exemplar, mas como passado mítico do Brasil, elevando a luta negra pela liberdade ao plano de imagem mítica orientadora do imaginário nacional. A interpretação coletiva e o tom de exegeta da encenação, embrião do sistema coringa, se relacionam ao jogo entre protagonismo e coro, pois estes empoderam o grupo narrador da história, e não as personagens da fábula. O povo observa os seus iguais serem os senhores de sua história, manipulando-a e analisando-a.

Entendemos que essa organização de recursos teatrais colabora ao redirecionamento da energia psíquica brasileira para uma nova e mais saudável configuração imagética do nosso inconsciente coletivo.

Agradecimentos

Aos meus pais, por terem semeado o ímpeto certo. A Cia. do Nó e a Douglas Soares, por terem sido heróis quando eu precisei. A Eder Asa, por discordar. Ao PIBIC/Sae Unicamp pelo fomento a esta pesquisa.

BOAL, Augusto; GUARNIERI, Gianfrancesco. *Arena conta: Zumbi*. São Paulo, 1965.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. *Zumbi, Tiradentes (e outras histórias contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo)* São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DIAS, Lucy; GAMBINI, Roberto. *Outros 500 - uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo: Senac São Paulo, 1999.